



BÁCULO E SUA ICONOGRAFIA NA ARTE RUPESTRE

Luís Jorge Gonçalves * e Mila Simões de Abreu **

SUMMARY

The "báculo", pastoral staff or crook is a shepherd's working tool that, during early prehistoric times among the pastoral societies, acquired a symbolism from as early on as ancient Egypt that led to authority through the ages. In this paper, we explore the staff in the iconography of rock-art and megalithic art in North Africa, the Middle East and Western Europe.

RIASSUNTO

Il pastorale, con i suoi diversi nomi diversi è uno strumento di lavoro dei pastori, ancora nella recente preistoria, nelle prime comunità pastorali. Il pastorale ha acquisito un simbolismo già dal tempo dell'antico Egitto, dove era considerato segno di autorità. In questo articolo si indaga sull'iconografia di questo oggetto presente nell'arte rupestre e in altre forme artistiche. Lo studio comprende il megalitismo, il Nord Africa, il Medio Oriente ed l'Europa occidentale.

INTRODUÇÃO

O báculo ou cajado está hoje presente na liturgia de algumas confissões (católica, ortodoxa, anglicana e luterana) do cristianismo, como símbolo do poder episcopal. Também no antigo Egipto o báculo surge na iconografia de Osíris e, conseqüentemente, na iconografia dos faraós.

Afinal que atributo é este que surge em diferentes momentos da história? Qual a sua origem?

O BÁCULO NA ICONOGRAFIA E NAS FONTES ESCRITAS DE ÉPOCA HISTÓRICA

Trata-se de um artefacto de pastor, na língua portuguesa referido ainda como cajado, bastão, vara ou bordão, na língua latina como *pedum* (*ars pastoricia*) ou *lituus*, na língua italiana como *vincastro*, *pastorale* ou *lituo*, na língua castelhana como báculo, *cayado* ou *bastón*, em alemão como *krummstab*, em inglês como *crozier* e *crook* e em francês designado de *crosse* ou *houlette*.

No dicionário Houaiss, de língua portuguesa, o báculo (juntamente com o cajado, bastão ou bordão) é definido como a vara do pastor, caracteristicamente tendo a extremidade superior recurvada em forma de gancho ou semicírculo para permitir puxar as pernas ou o pescoço dos animais (HOUISS 2003, p. 733), por estender o braço do pastor em aproximadamente 150 cm, a mesma distância de zona de fuga dos ovinos, diminuindo o stress. Ele é ainda usado para tocar nas ovelhas de leve para que elas retornem ao seu caminho, não se desviando do mesmo. Em algumas ocasiões o báculo pode ser utilizado como arma de defesa, protegendo o rebanho. Por outras palavras, permite o domínio sobre um animal e o controle do rebanho. Estas funcionalidades

levaram a que o báculo ultrapassa-se a função pragmática para que adquirisse uma funcionalidade simbólica.

As designações de báculo, cajado, bastão, vara ou bordão, podem ainda significar diferenças quanto à forma. O báculo, cajado e bordão têm a curvatura, enquanto o bastão e a vara podem não ter a curvatura, mas podem estar na origem do ceptro, (LEONARD, WILLIAMS 1989) que não se tratará neste artigo e que é muito abundante na iconografia.

Na documentação escrita, o báculo/cajado/bordão/vara já surge referido com funcionalidade simbólica no Antigo Egipto. No "Livro dos Mortos", de Krumm, refere-se que o báculo fazia parte das alaias de Osíris, na sua qualidade de juiz dos mortos. Osíris tinha ensinado aos homens a agricultura e a domesticação dos animais, onde surge o báculo como um dos seus atributos. O báculo do pastor Osíris tinha o poder de decidir sobre a entrada na vida após a morte e ajudar o renascimento diário da alma. A curva podia ser usada como uma ferramenta para puxar animais (MICHAEL 2004, p. 35).

No Antigo Testamento, o báculo aparece em diferentes ocasiões. Entre as mais significativas estão as passagens do Êxodo e o Salmo 23. No Êxodo a vara surge como instrumento de Moisés e de Aarão no desafio ao faraó. A vara de Aarão se transforma numa serpente: "Aarão lançou a sua vara à frente do rei e dos seus servidores, e ela transformou-se numa serpente..." (Ex 7, 10), ou num instrumento de Deus: "O Senhor disse a Moisés «Diz a Aarão; estende a tua mão com a vara sobre os rios, os canais e as lagoas e manda subir rãs sobre toda a terra do Egipto»" (Ex 8, 1). Com o seu toque, através da vara,

* Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa (ULisboa), Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), luis.jg@fba.ul.pt

** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Unidade de Arqueologia; Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD), msabreu@utad.pt

foram surgindo as pragas sobre o Egípto. No Salmo 23 o báculo é referido como instrumento de Deus: “O senhor é o meu pastor, nada me falta. (.../...). O Vosso bastão e o vosso cajado dão-me conforto (...).”

Na *Ilíada*, de Homero, o báculo foi mencionado no canto XIII, verso 456, no contexto de apoio a um ferido de morte, para entrar na morada de Plutão: “Não creio que o braço robusto do valoroso filho de Pantóo, atirou a lança em vão; algum argíve a recebeu em seu corpo e lhe servirá de báculo para se apoiar nela e descer à morada de Plutão”

Já na “*Eneida*”, livro VII, canto XXXVIII, Virgílio refere o báculo como símbolo de poder e de autoridade religiosa: “O próprio Pico, envergando a curta trabea, lá estava sentado com seu báculo quirinal, segurando na mão esquerda um escudo”¹. Rómulo e Remo foram encontrados numa gruta pelo pastor Fáustulo, onde eram amamentados pela loba, e cuja iconografia o faz representar com um báculo.

No cristianismo, no Evangelho de S. João, Jesus surge como o Bom Pastor (Jo 10). Esta metáfora transporta o báculo para a simbólica do clero cristão, sendo que o Imperador Constantino promulgou a permissão do privilégio de uso do báculo aos bispos (MICHAEL 2004). Na Península Ibérica o báculo está assinalado como símbolo da autoridade episcopal no século VI. A partir do século XI a iconografia do báculo associado ao episcopado torna-se abundante. Mas não deixa de ser o símbolo do pastor e do seu domínio sobre os rebanhos, como nos remete o texto de Dante, na “*Divina Comédia - O Inferno*”:

.../... se ao camponês forragem já lhe estanca,
ergue-se e olha e a vê assim tamanha
no prado branquejar; e bate na anca,
regressa a casa e aqui e ali se estranha,
como infeliz e sem saber que faça;
e regressa e esperança nova ganha
de ver que muda a face em hora escassa
ao mundo, e pega o báculo e logo ao rastro
dos pastos seu rebanho fora passa.

Divina Comédia - O Inferno, Canto XXIV, 7-15

A ICONOGRAFIA DO BÁCULO NA PRÉ-HISTÓRICA

Onde vamos buscar a origem desta iconografia do báculo? Inerente à imagem está uma significação. Partiu-se de um artefacto funcional, no apoio ao controle e domínio dos animais na pastorícia, para um artefacto simbólico. Numa primeira observação, deste estudo preliminar, quando se busca a iconografia do báculo em sítios da pré-história, encontramos imagens deste artefacto na arte rupestre de muitas áreas, do Sahara ao Médio Oriente passando pela Valcamonica, Península Ibérica e mesmo a Suécia. É particularmente comum no contexto do Megalitismo da Península Ibérica e da Bretanha. No caso da arte megalítica surge gravado, em esteios de dólmenes e em menires, assim como na arte móvel. Não é possível apresentar todos os casos, dada a limitação de espaço que um artigo impõe, mas trata-se de uma primeira abordagem, onde

são explanadas algumas interpretações, ligando mundos, aparentemente longínquos, a Europa Ocidental e o Sahara e Médio Oriente, mas em que a ideologia não devia ser muito diferente. Afinal a neolitização, entendida como a domesticação de plantas e animais, foi um processo que partiu do crescente fértil e que paulatinamente foi sendo assimilado pelas populações europeias, dada origem e a complexidade dos processos biológicos nas plantas. Com novos processos económicos, vieram as ideologias e os seus símbolos. Neste sentido, ao lermos mito que explicava, para os egípcios a origem da agricultura e da pastorícia, o mito de Osíris, estamos a pegar numa história que chegou aos nossos dias e que nos faz entender o papel do báculo na ideologia egípcia.

A arte rupestre é particular significativa para a compreensão deste símbolo porque, em muitos casos, nos mostra a utilização dos báculos em contextos arqueologicamente atribuíveis ao período pré-histórico. Muitas vezes surgem identificados como ceptros (ANATI 1993, p. 132), ou como *boomerangs* (HUGOT 1974, p. 131). No Médio Oriente, na região de *Sha' ib Samma* na Arabia Saudita uma imagem parece ser muito significativa, sobre os contextos do báculo. Está datada do IV milénio a.C. e apresenta o que Emmanuel Anati (1993, pp. 132-133, fig. 96. Fig. 1 - A) designa de culto ao bovívdeo, por parte de homens e de mulheres a dançar, sendo que a figura principal apresenta na mão direita um báculo estilizado, que está erguido. Tem uma máscara, como outras figuras, destacando-se na cena por ser a personagem de maior dimensão e que está de frente para um bovívdeo. No deserto da Judeia, na gruta *Nabal Mishmar*, surge mesmo representado um báculo, que é reproduzido de forma realística (ANATI 1993 pp. 132-133, fig. 98) e que aparece entre o espólio de diversos bastões (TADMOR 1996) (Fig. 1 - B).

Em diferentes núcleos de arte rupestre do Sahara identificam-se cenas, ao nível da pintura, onde podemos observar os báculos. Em *Gouiret bent Saloul*, na região de Orão, Argélia (SOLEILHAVOUP 1997, p. 70) (Fig. 2 - A-B), uma imagem apresenta quatro figuras de orantes, quatro homens e uma criança, junto de gado bovívdeo. A figura maior e dominante, pela sua indumentária, segura com a mão esquerda um provável báculo. Parecem estar numa atitude de dança, face aos bovívdeos apresentando ainda os *falus* eretos.

Outra imagem proveniente de Jabbaren, no *Tassili n'Ajjer*, Argélia, mostra um conjunto de figuras masculinas dançando, exibindo duas, em posição superior, na mão direita um artefacto que parecem corresponder a báculos votivos, ostentando vestuários rituais (SANSONI 1994, fig. 85)

Ainda na região *Tassili n'Ajjer* temos mais três exemplos de pinturas onde se podem identificar báculos. Os dois primeiros são oriundos da área de *Iheren*. A primeira apresenta imagem três figuras humanas em situação de caça (ao leão), sendo que figura que segue

1 Na nota da edição portuguesa da *Eneida* (2003) refere-se que se tratava do bastão recurvo dos áugures, usado para dividir as secções do céu a observar, para a observação divinatória do voo das aves ou para delimitar o espaço de de um templo ou de uma cidade, sendo chamado de báculo quirinal porque Rómulo Quirino se serviu dele para delimitar as muralhas de Roma (autor da nota Luís M. G. Cerqueira).

na frente tem na mão esquerda o que se pode um báculo. Parece tratar-se do líder do grupo, com uma indumentária mais ornamental. Noutra pintura, da mesma área, um pastor, também de indumentária engalanada, segura na mão esquerda uma vara/lança e um pequeno objeto que se pode identificar como um báculo votivo. Finalmente, ainda da região *Tassili n'Ajjer* uma terceira pintura onde está patente uma cena de pastoreio, com uma figura masculina a passar a outro o que parece ser um báculo votivo, neste caso com semelhanças com os báculos votivos na Península Ibérica.

Subindo o mediterrâneo, no sul da Europa podem ser interpretadas como báculos diversas gravuras. Em de Valcamonica, na zona Foppe di Nadro, na rocha 27 (Fig. 3), um personagem masculino, perto da representação de uma cabana, tem na mão direita um artefacto semicircular apontado na direção de um animal que parece ser um felino (raposa?) e que pode ser interpretado como um báculo.

Numerosas personagens gravadas noutras rochas como, por exemplo, na rocha n. 12 de Seradina apresentam nas mãos objetos que tem sido interpretados como machados mas que podem na verdade ser bastões ou báculos (FOSSATI 1991). A colocação da mão, na extremidade inferior do cabo de tal artefacto, pode dar alguma credibilidade a esta última ideia, pois a posição seria difícil em batalha.

Na Bretanha as representações de báculos surgem em contextos de numerosos monumentos megalíticos (POZZI 2014). A *Table des Marchands, Locmariaquer*, sul da Bretanha, França, é um *dolmen*, datado do IV milénio a.C., onde uma estela, muito conhecida, com cerca de 300 cm, apresenta 56 báculos gravados dispostos em quatro níveis e divididos em dois lados, sendo que o número de báculos representados aumenta de cima para baixo. No centro, entre os dois lados, uma representação solar. Este conjunto parece estar enquadrado por uma cartela, fora da qual, na parte inferior, parece reinar um certo caos, com representação de outros báculos e círculos, ou crescentes e representações solares, entre outras.

O Grande Menhir de *Kermarquer*, na Bretanha, França, com cerca 672 cm, apresenta cerca de oito gravuras de báculos, em três lados, sendo que na face principal estão duas representações, na direita, outros dois báculos e na face oposta quatro báculos.

Na Península Ibérica a iconografia do báculo surge associada a contextos megalíticos (CALADO 2005). Por um lado, tal como na bretanha temos uma iconografia rupestre em situação de monumentos megalíticos. Por outro, pinturas e gravuras em rochas naturais. Finalmente temos arte móvel, com báculos estilizados.

Na regiões da Andaluzia e da Estremaduras, foram identificados em abrigos gravuras e pinturas de báculos, datados de cerca do IV milénio a.C., casos de *La Tabernar, Hoy del Rio Frio* e *Peñon Amarillo, Solana del Pino*, na *Sierra Morena, La Silla*, Abrigo Grande, na *Sierra Hornaches*, entre outros, mas ao contrários das representações do Médio Oriente, do Sahara e de Valcamónica, não têm a presença de figurações humanas e, portanto, não há um contexto de uma possível narrativa.

Nos monumentos megalíticos de Portugal há bastantes

casos conhecidos. Destacam-se três exemplos associados a menires. Tal é o caso do menir número 57 do cromeleque dos Almendres (CALADO 2005, p. 14, vol. II) (Fig. 4 - A), onde na face aplanada foram gravados um conjunto de treze báculos representados, em diferentes posições e direções, alguns dos quais têm uma curva dupla e estão associados a uma representação lunar. Outro exemplo é do menir do Monte Almendres (Fig. 4 - B), onde existe uma representação de um báculo em baixo-relevo. Também num bloco decorado de Vale de Rodrigo 2, nas proximidades de Évora, temos a representação de dois báculos. Existem ainda duas gravuras de báculos no Menir 1 do Padrão, de Vila do Bispo, que está conservado no Museu de Silves (CALADO, ROCHA 2006, p. 83, fig. 2). Um dos casos mais conhecidos é da Estela-Menir do Monte da Ribeira, Reguengos de Monsaraz, (CALADO 2005 II - 128. Fig. 4 - C), onde temos a representação de um báculo, com duas curvaturas nas extremidades. Existem muitos outros casos, que o espaço não permite apresentar (CALADO 2005).

Finalmente, a arte móvel, através dos báculos votivos, executados em xisto, e das representações em recipientes de cerâmica.

Os báculos votivos têm maior concentração na área portuguesa do Alentejo Central, entre a Estremadura portuguesa e a Estremadura espanhola, com núcleos isolados na região de *Huelva* e de *Los Millares*. Estes báculos votivos (Fig. 5 - A) seguem o mesmo padrão decorativo e utilizam o mesmo tipo de material, o xisto, que as designadas *placas de xisto*. No entanto, a desproporção de exemplares existentes de báculos e de *placas de xisto* é enorme, cerca de uma dúzia de báculos votivos para cerca de mil e trezentas *placas de xisto* (LILLIOS 2008).

Em contexto arqueológico temos ainda as representações de báculos em cerâmicas, como é caso do exemplar de vaso da Anta 1 da Herdade da Moita, Mora, distrito de Évora, com o relevo de dois báculos (MOITA 1956, p. 163, fig.1) (Fig. 5 - B-C).

A tradição de estudo destes báculos votivos já tem algumas dezenas de anos, sendo que no primeiro momento se confundiram com machados votivos (HELENO 1942) e no momento seguinte identificaram-se como báculos, mas não se avançou com interpretações (ALMAGRO GORBEA 1973, p. 225). Em estudos mais recentes refere-se a desproporção dos báculos em xisto, face às *placas de xisto*, e ao seu contexto funerário, mas refere-se que a sua interpretação é um terreno perigoso (GONÇALVES 1992, pp. 92-93). Afirma-se ainda que podiam ser "*símbolos distintivos de uma categoria social individual*" (GONÇALVES 1992, pp. 92-93). Outros autores centram-se mais na questão da significação, em associação com uma nova economia das atividades produtoras, sem deixar de sublinhar que "*pelo menos no Alentejo, prováveis evidências da continuidade do símbolo, cuja longevidade se presta, naturalmente, a alguns equívocos cronológicos*" (CALADO 2005, pp. 124-130).

DISCUSSÃO

Esta abordagem corresponde a uma primeira leitura sobre este tema. Exploram-se diferentes níveis de representação dos báculos, através das imagens e de textos. A leitura mitológica é importante, como ponto

de partida, principalmente a mitologia egípcia, onde se associa o báculo a Osíris, divindade que ensinou aos homens a pastorícia e a agricultura. Por sua vez esta mitologia foi sendo criada num quadro anterior, contemporâneo das representações rupestres do Saara e do Médio Oriente, onde o báculo, nas imagens, já surge associado a personagens principais. Temos portanto, um momento em que o báculo de pastor, que surgiu do contexto prático de necessidade de domínio e controle sobre os rebanhos, para o momento em que se tornou símbolo. Mas símbolo do quê? Na mitologia egípcia Osíris ensinou aos homens a agricultura e a domesticação dos animais. O báculo era um dos seus símbolos que usava para decidir da entrada na vida após a morte e ajudar no renascimento diário da alma. Na Bíblia, também o báculo é um instrumento de Deus. O báculo pode ser o instrumento que uma entidade superior usava para manifestar o seu poder, junto dos homens. Por isso era um dos atributos do faraó. Era ainda um dos atributos de Moisés. Na arte rupestre do Saara e do Médio Oriente, como já foi referido, parece caber à figura central o seu uso, iniciando uma tradição que desembocou no mundo egíp-

cio. A tradição clássica seguiu o caminho, e na Eneida o soberano Pico estava sentado com seu báculo quirinal, e o pastor Fáustulo tinha um báculo quando descobre Rómulo e Remo na gruta. Neste caso o báculo como instrumento dos deuses conduziu aos gémeos. Mas como refere Danta, o báculo é sempre o instrumento do pastor para conduzir os seus rebanhos. Em Valcamonica a raridade das imagens que ostentam o báculo, parece determinar o carácter elitista deste atributo. No contexto de arte rupestre, nomeadamente da Península Ibérica, também são raras as representações. Nos contextos megalíticos, registos gravados nos monumentos e arte móvel, também não são frequentes. Vários autores chamaram a atenção para a desproporção entre o número de placas de xisto e de báculos votivos, reconhecendo o carácter elitista de quem os possuía. Na sociedade cristã atual, os báculos rituais são também utilizados por um pequeno número de eleitos, os bispos, arcebispos e cardeais ou o Papa. No Egito era unicamente possuído pelo faraó. Porquê? O báculo seria o instrumento utilizado por uma entidade superior?

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA M.J.
1973 *Los ídolos del Bronce I Hispano*, Seminario de historia primitiva del hombre, Madrid, Universidad de Madrid.
- ANATI E.
1988 *I Camuni: alle radici della civiltà europea*, Milano, Jaca Book.
1993 *Il museo immaginario della preistoria*, Milano, Jaca Book.
- ALIGHIERI D.,
A *Divina Comédia*, (tradução Vasco Moura Guedes) 2011, Lisboa, Bertrand.
Biblia Sagrada
1978 Lisboa, Difusora bíblica.
- CALADA M., ROCHA L.
2006 *Menires e Neolitização: História da investigação no algarve*, in «Xelb» 7, pp. 75-88.
- CALADO M.
2005 *Menires do Alentejo Central. Gênesis e evolução da paisagem megalítica regional*, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- CRISTEA G.
2001 *Saharas gâtfulla klippmålningar: arkeologi, kulturspridning, teater*, Carlssons, Stockholm.
- FOSSATI A.
1991 *Immagini di una aristocrazia dell'età del Ferro nell'arte rupestre Camuna*, Contributi in occasione della mostra Castello Sforzesco. Aprile 1991-Marzo 1992, Milano, Comune di Milano Civiche Raccolte Archeologiche.
- GOMES M.V.
1982 *Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs*, in *Actas do III Valcamonica Symposium*, Capo di Ponte (Bs), Ed. del Centro, pp. 385-401.
- GONÇALVES V.
1992 *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*, Cadernos UNIARQ, 2, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- HELENO M.
1942 *O culto do machado no calcolítico português*, in «Ethnos» 2, pp. 461-464.
- HOMERO
Ilíada (2005), Lisboa, Edições Europa-América.
- HOUAISS A. (dir.)
2003 *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- HUGOT H.-J.
1974 *Le Sahara avant le desert*, Toulouse, Editions des Hespérides.
- LEONARD JR. A., WILLIAMS B. B.
1989 *Essays In Ancient Civilization Presented to Helene J. Kantor*, Studies in Ancient Oriental Civilization, No. 47, The Oriental Institute Of The University Of Chicago. Chicago, ILL, The Oriental Institute of the University of Chicago.
- LHOTE H.
1972 *Les gravures du nord-ouest de l'Air*, Paris, Arts et Métiers graphiques.
1976 *Vers d'autres Tassilis. Nouvelles découvertes au Sahara*, Paris, Arthaud.
1984 *Le hoggar: espace et temps*, Paris, Armand Colin.
- LILLIOS K.
2008 *Heraldry for the dead. Memory identity, and the engraved stone plaques of neolithic iberia*, Austin, University of Texas Press.
- MICHEL S.
2004 *Die Magischen Gemmen: Zu Bildern und Zaubersprüche auf geschichtlichen Steinen der Antike und Neuzeit*, Berlin, Oldenbourg Akademieverlag.
- MOHEN J-P
2004 *Signes et symboles megaliths de la préhistoire récent en France do 5^{ème} au 3^{ème} millénaire avant notre ère*, in *Actas do XXI Valcamonica Symposium*, Capo di Ponte(Bs), Ed. del Centro, pp. 341-354.
- MOITA I.
1956 *Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo*, in «O Arqueólogo Português» Nova Série, III, pp. 135-175.
- MUZZOLINI A.
1992 *Arte rupestre del Sahara*, Catalogo da Mostra, Torino, 1995, Pinero, Centro Studi e Museo d'Arte Preistorica.
- POZZI A.
2014 *Megalithism: Sacred and Pagan Architecture in Prehistory*, FL, Universal-Publishers.
- SANSONI U.
1994 *Le più antiche pitture del Sahara. L'arte delle teste rotonde*, Milano, Jaca Book.
- SOLEILHAVOUP F.
1997 *Animaux sacralize dans l'art rupestre de Atlas Saharien, le cas du Bélier orné*, in «Archeologia Africana» 3, pp. 49-79.
- SPENCE L.
1996 *Mitologia egípcia: guia ilustrado*, Lisboa, Editorial Estampa.
- TADMOR M.
1986 *The Jordan desert treasure from Mahal Mishmar: a Chalcolithic trader's hoard*, in *Essays In Ancient Civilization Presented to Helene J. Kantor*, Studies in «Ancient Oriental Civilization» 47, The Oriental Institute Of The University Of Chicago, Chicago, ILL, The Oriental Institute of the University of Chicago, pp. 240-261.
- VERGÍLIO
Eneida, Lisboa, Bertrand.



Fig. 1 - A) Região de Sha' ib Samma, Arabia Saudita (Anati 1993, pp. 132-133, fig. 96). B) Gruta Nabal Mishmar, Deserto da Judeia, serie de bastões e possível bacúlo (Tadmor 1989, plate 46)

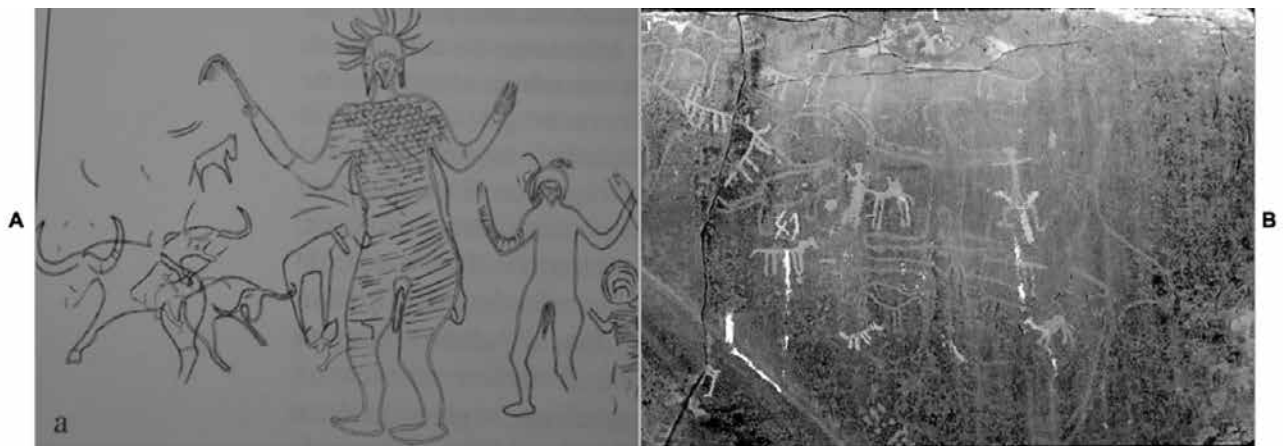


Fig. 2 A-B - Gouiret bent Saloul, na região de Orão, Argélia figuras gravadas com possíveis báculos (Soleilhavoup 1997, p. 70); (Bernard 1972, wikimedia common)



Fig. 3 - Valcamonica, Foppe di Nadro rocha 27. Personagem, com possível figura de báculo na mão (de Abreu)

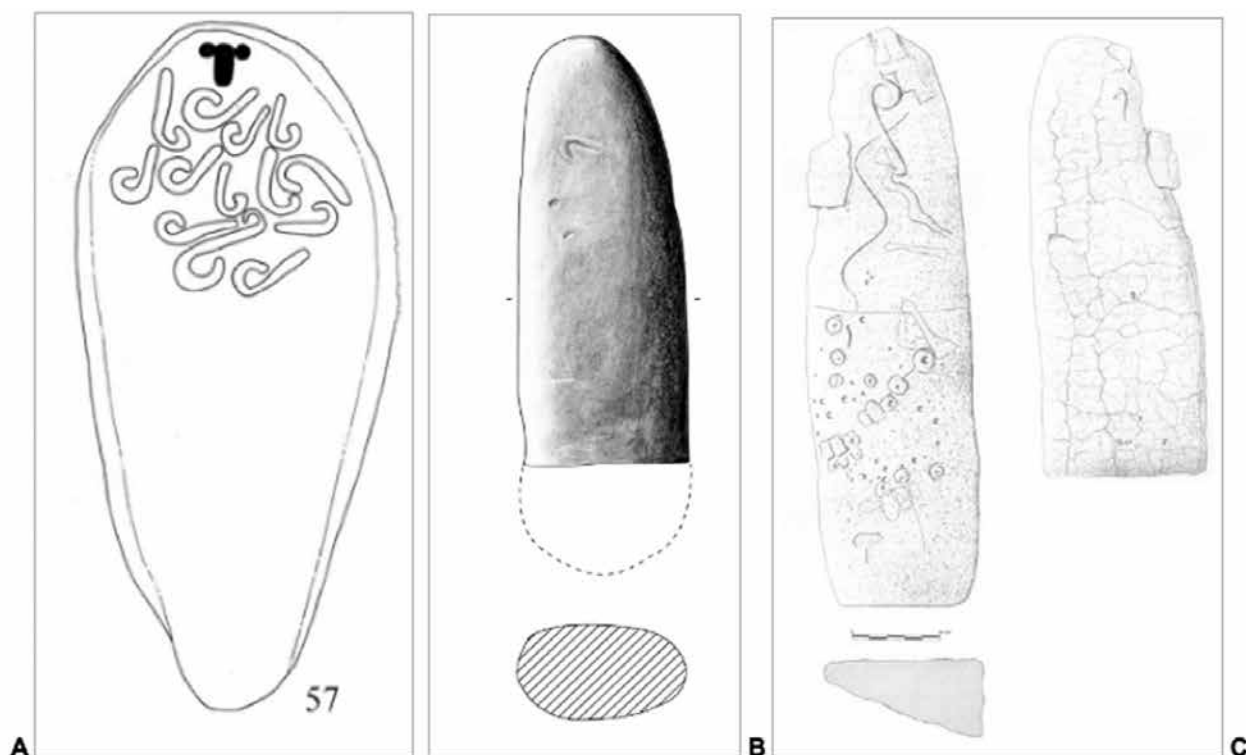


Fig. 4 - A) Recinto megalítico dos Almendres, Évora, Portugal, menir nº 57 (Calado 2005, vol. II, p. 14); B) Menir dos Almendres, Évora, Portugal (Calado 2005, vol. II, p. 112); C) Monte do Outeiro, Reguengos de Monsaraz, Portugal (Calado 2005, vol. II, p. 128)

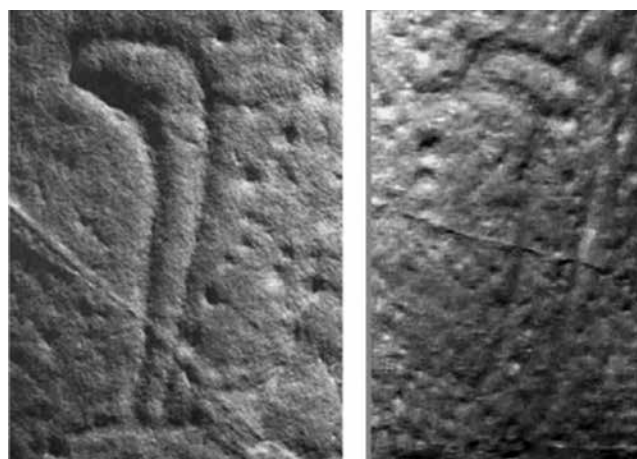


Fig. 5 - Baculos - Menir 1 do padrão, Vila do Bispo, Portugal (Calado, Rocha 2006, p. 83, fig. 2)

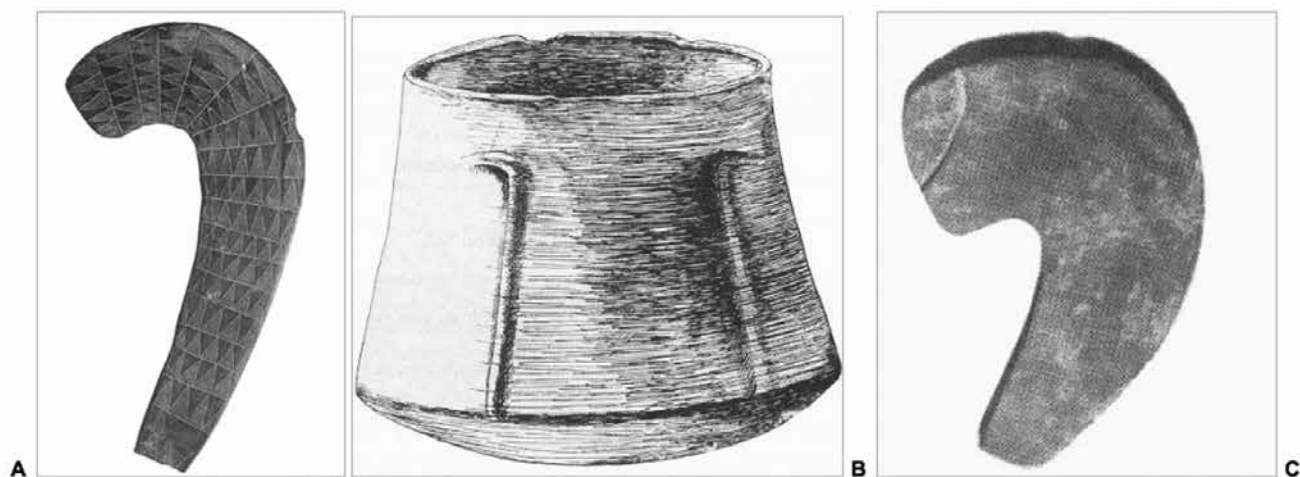


Fig. 6 - A) Báculo de xisto da Anta 4 das Herdades das Antas (Reguengos de Monsaraz). Talvez IV Milénio a.C. (Almagro Gorbea 1973, fig. 56-5). B) Anta 1 da Herdade da Moita, Mora, Évora - vaso de cerâmica com decoração de possíveis báculos (Moita 1956, p. 163, fig. 1); C) Outro báculo da Herdade da Moita (Moita 1956, estampa XVIII).